



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



RELATO DE EXPERIÊNCIA

A COBERTURA JORNALÍSTICA DA CONFERÊNCIA DO CLIMA NA AMAZÔNIA (COP-30) EM DISCUSSÃO NA SALA DE AULA

RESUMO

Este relato de experiência apresenta a atividade de observatório desenvolvida na disciplina optativa e excepcional intitulada “Jornalismo Ambiental e a cobertura na COP-30” como um experimento de olhar para a prática jornalística em distintos setores: imprensa comercial, imprensa alternativa, movimentos sociais, instituições ambientais e governamentais durante o maior evento de mudanças climáticas do mundo. A experiência foi vivenciada no curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal do Pará (UFPA), trazendo importantes percepções de estudantes sobre as intersecções entre a formação acadêmica, o jornalismo ambiental, o papel do jornalista e a cobertura da COP-30 em Belém, a primeira realizada no país. O experimento revelou que a grande maioria dos discentes tem consciência crítica sobre o papel territorial da Amazônia e compreende que algumas narrativas inferiorizam a região e sua população.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo ambiental; cobertura jornalística; COP-30; Amazônia.

1. INTRODUÇÃO

A região amazônica é vital para o equilíbrio climático global, abrigando a maior floresta tropical e o maior reservatório de água doce do planeta, além de uma grande diversidade biológica, étnica e cultural. Nesse contexto, a Amazônia tornou-se o centro das discussões globais e foi escolhida para sediar a 30ª Conferência das Partes sobre Mudança do Clima (COP-30), encontro que reuniu representantes de 195 países, em Belém/PA.

Nossa proposta foi ofertar a disciplina optativa e excepcional intitulada “Jornalismo Ambiental e a cobertura na COP-30”, no curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal do Pará (UFPA), como um experimento de olhar para a prática jornalística em distintos setores: imprensa comercial, imprensa alternativa, movimentos sociais, instituições ambientais e governamentais, durante o



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



maior evento de mudanças climáticas do mundo. O objetivo foi despertar o interesse pelo jornalismo ambiental e incentivar a consciência crítica sobre a cobertura jornalística realizada pelos mais variados veículos, de locais até internacionais.

A condição de excepcionalidade da disciplina evidencia-se em sua própria nomenclatura¹, pois demarca a atenção e atuação da Facom/UFPA em um evento global que foi realizado pela primeira vez no Brasil — e que tem, por tradição, evitar repetir a cidade-sede². Proposta pela professora Elaide Martins (UFPA), a ideia era olhar para o jornalismo que mirava a COP-30, uma espécie de observatório, a fim de identificar possíveis regularidades e/ou especificidades do fazer jornalístico sobre um evento internacional realizado em uma cidade da região amazônica, historicamente considerada periférica em relação à região Sudeste — por sua vez, a que concentra o maior PIB e a maior densidade populacional do país. Seria um jornalismo mais crítico ou mais condescendente? Voltado para a questão climática ou para a infraestrutura da cidade? Neutro ou preconceituoso? De imediato, a proposta obteve a adesão de uma estagiária docente, a doutoranda e bolsista Capes Laiza Mangas (PPGCOM/UFPA), que vivenciou essa experiência em uma disciplina que dialoga diretamente com o tema de sua pesquisa de doutoramento³.

Desde o anúncio de Belém como cidade-sede, em dezembro de 2023, certos veículos sinalizaram seu descontentamento com esta escolha e reafirmaram suas colonialidades e até xenofobia. Dois anos depois, já durante a realização do evento, queríamos saber se a pauta continuaria norteadada pelo preconceito ou se iria, finalmente, focar na questão climática, tema central da COP. Essa foi uma das

¹ Enquanto optativa, a disciplina é cadastrada como Jornalismo Científico e Ambiental.

² Em 30 anos de COP, apenas Bonn (Alemanha) e Buenos Aires (Argentina) sediaram a COP mais de uma vez: três e duas vezes, respectivamente.

³ A pesquisa da doutoranda tem o tema direcionado à formação do jornalista na Amazônia no contexto socioambiental da região. Uma das propostas é discutir a atualização da nomenclatura de “jornalismo ambiental” para “jornalismo socioambiental”, com o objetivo de enfatizar que o social e o ambiental, sobretudo na Amazônia, não se separam.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



motivações para a oferta da disciplina, que seria um convite para a turma refletir sobre as intersecções entre a formação acadêmica, o papel do jornalismo, o jornalismo ambiental e a cobertura de um evento climático global.

1. Jornalismo ambiental no Brasil: um breve histórico

A princípio, o jornalismo ambiental era considerado um eixo do Jornalismo Especializado⁴ ou uma subárea do jornalismo científico. A separação das áreas começou a ser delineada a partir da realização do Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente, promovido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), entre 27 e 30 de novembro de 1989, em preparação à cobertura da Conferência Rio-92⁵.

Anos depois, em 2004, buscando a profissionalização do jornalista na área, a primeira disciplina de jornalismo ambiental foi ministrada na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mas foi somente em 2009 que as Diretrizes Nacionais Curriculares do Curso de Jornalismo (MEC) reconheceram a importância da questão ambiental, incluindo-a em seu primeiro eixo de conteúdos e enfatizando a necessidade de conhecimento sobre desenvolvimento sustentável e regiões ecológicas.

Em 2008, surge o Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS), criado pela professora e pesquisadora Ilza Maria Tourinho Girardi, que começa a consolidar o conceito de jornalismo ambiental. Segundo os estudos do Grupo, a noção de Jornalismo Ambiental requer ênfase na contextualização na tentativa de expor as

⁴ Nos anos 70, o professor Wilson Bueno dedicou-se ao Jornalismo Especializado, ministrando disciplinas voltadas ao Jornalismo Científico, Jornalismo Ambiental e Jornalismo em Saúde na ECA/USP.

⁵ A Rio-92, também conhecida como Cúpula da Terra ou Eco-92, foi a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada de 3 a 14 de junho de 1992, no Rio de Janeiro. Foi o maior encontro de chefes de estado da história até então, consolidando o conceito de desenvolvimento sustentável mundialmente.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



relações entre causas e consequências; pluralidade de vozes para dar visibilidade a um verdadeiro diálogo de saberes; cobertura sistêmica e próxima à realidade do leitor.

São muitos os desafios de quem se propõe a fazer um jornalismo ambiental. Em entrevista feita com alguns jornalistas que cobrem a área no Brasil, Caribe, Espanha e Moçambique, as pesquisadoras Loose, Girardi e Almeida (2018) pontuaram haver uma falta de interesse e de espaço nos veículos com o meio ambiente. No mesmo caminho, Agostinho Vieira (2023) notou, a partir da escuta de profissionais em veículos comerciais e ditos independentes, que existe um despreparo de alguns profissionais, além de uma indústria de “cliques” que demanda um jornalismo efêmero sem tempo para apuração e um baixo interesse pelo meio ambiente por parte dos leitores.

Na última década do século XX, o meio ambiente passou claramente a fazer parte de uma disputa de poder (Belmonte, 2017). O setor empresarial foi se apropriando da bandeira do ambientalismo, assim como os jornais seguem, muitas vezes, um único viés, seja econômico ou político. Roberto Belmonte (2017) frisa que, em meios jornalísticos comerciais, pertencentes a grupos empresariais com interesses em diversos negócios, a prática do jornalismo ambiental depende quase que exclusivamente da iniciativa e do empenho profissional de jornalistas que reconheçam a importância da luta ambiental para a qualidade de vida planetária.

Ainda segundo o pesquisador (2020), o jornalismo ambiental passou por fases. A primeira, de perspectiva científica, foi a posição dominante no período de conquista da credibilidade, entre os anos 1970 e 1980. Já o jornalismo ambiental de perspectiva econômica passou a disputar a posição dominante dentro do campo nos anos 1990 e 2000, no período das soluções sustentáveis, impulsionada, principalmente, pela realização da Eco-92. A partir de 2010, com a digitalização do jornalismo e o engajamento multimídia, a perspectiva cidadã entra em cena.

Portanto, hoje presenciamos um jornalismo ambiental mais combativo ganhando cada vez mais força na internet com reportagens investigativas e de denúncia



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



pautadas pela noção de justiça socioambiental, uma cobertura feita, especialmente, por veículos da mídia alternativa.

2. METODOLOGIA

No sentido de formação acadêmica, esse relato visa problematizar: de que maneira a disciplina contribui para despertar a consciência crítica sobre a cobertura jornalística ambiental durante a COP-30? Para auxiliar na visualização da resposta, elaboramos um questionário para dimensionar as percepções dos discentes a partir da atividade de Observatório da Cobertura Jornalística proposta em sala de aula.

A fim de embasar teoricamente as abordagens, debatemos conceitos, sentidos e práticas do jornalismo ambiental em sala de aula, amparados nas pesquisas de Ilza Girardi *et al.* (2018), Belmonte (2017) e Wilson da Costa Bueno (2007). Os aportes teóricos relacionados aos desafios socioambientais na América Latina, sobretudo na Amazônia, foram das sociólogas Edna Castro (2019) e Maristela Svampa (2019). Ademais, também convidamos jornalistas com experiência em cobertura da COP e de outros eventos ambientais para conversar com a turma sobre o tema.

O objetivo da disciplina foi examinar a cobertura feita em portais e redes sociais de veículos jornalísticos, institucionais, governamentais e de movimentos sociais. Trata-se de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, com elaboração e aplicação de formulário entre os discentes, orientação, discussão e acompanhamento de atividades.

No primeiro momento, aplicamos um questionário via *Google Forms* com dez perguntas para identificarmos os interesses da turma sobre o tema ambiental. Entre os questionamentos, estavam o porquê da escolha da disciplina e se já tinham tido contato com assuntos ambientais ou climáticos durante o curso de Jornalismo. Dos 21 alunos inscritos na disciplina, apenas onze responderam a esse primeiro questionário.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

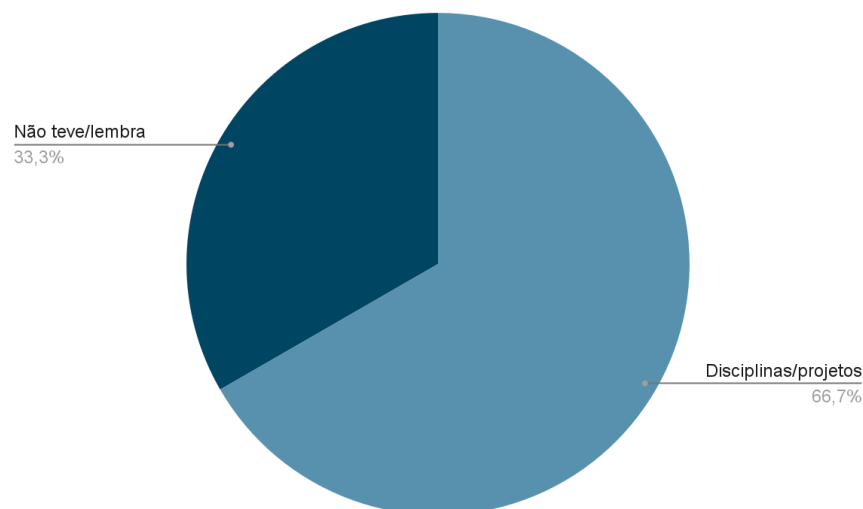
APOIO



Sobre a escolha da disciplina, dividimos as respostas em duas categorias. A primeira, voltada à afinidade temática, demonstra que a escolha não foi casual, mas fruto de interesse pessoal. Das 11 respostas, oito dizem respeito à identificação com a área, experiência prática anterior (como no jornal Beira do Rio e no Núcleo de Meio Ambiente, ambos da UFPA) e/ou familiaridade ao terem tido contato com a temática ambiental ao longo da graduação e despertarem curiosidade.

Já a segunda categoria enquadra três alunos que escolheram a disciplina apenas para cumprir a integralização do curso, considerando ser a única optativa ofertada no período. Quando perguntado a respeito do contato com alguma disciplina que abordou a questão ambiental, as respostas foram quantificadas conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Contato dos alunos com a temática ambiental.



Fonte: as autoras (2026)

Embora 66,7% confirmem o contato, um terço da turma (33,3%) não identifica a pauta claramente em sua trajetória. Isso pode indicar que, em algumas disciplinas, o tema é tratado de forma periférica ou transversal, não sendo marcante o suficiente para



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



todos os estudantes. De todo modo, um achado é interessante: a temática ambiental no curso de Jornalismo da UFPA está atrelada à identidade regional, isto é, o tema ambiental não aparece isoladamente, mas sim em disciplinas focadas na Amazônia, como a de “Estudos Amazônicos I e II”. Isso sugere que, para esses alunos, questão ambiental e questão regional andam juntas no percurso acadêmico.

A disciplina com carga horária de 60 horas foi dividida em quatro módulos. O primeiro abordou o contexto da COP-30 e Jornalismo Ambiental e Climático a partir da história da COP, o papel da Amazônia, o que é jornalismo ambiental e climático, além das fontes de informação para a cobertura da COP-30. O segundo módulo tratou da prática de observatório da cobertura, na qual os alunos monitoraram a produção de conteúdos sobre o evento, incluindo reportagens, podcasts, vídeos e posts para redes sociais.

Nesse momento, os discentes formaram duplas e escolheram os sites que iriam analisar, englobados em cinco categorias: veículos da imprensa comercial, imprensa alternativa, sites do governo federal e estadual, de movimentos sociais e de instituições de pesquisa. Ao todo, foram formadas dez duplas, sendo três para a imprensa comercial (uma para veículos regionais, outra para nacional e outra para internacionais) e uma única dupla para os sites governamentais. Nas demais categorias, houve uma dupla para cada veículo, conforme quadro 1, a seguir.

Quadro 1 - Categorias e veículos analisados pelas duplas de discentes.

Categoria	Veículos
Imprensa comercial	Portal Diário Online-DOL (PA) Portal O Liberal (PA) Folha de S. Paulo Agência Press (EUA) The Guardian (UK)
Imprensa alternativa	Sumaúma



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



	O Eco
Governos	Site do Governo Federal Site do Governo do Pará
Movimentos sociais	Cúpula dos Povos Coíab
Instituições de pesquisa	Instituto Socioambiental (ISA) ClimaInfo

Fonte: as autoras (2026).

O terceiro módulo voltou-se para os elementos e modalidades jornalísticas no Jornalismo Ambiental, com destaque para o ciberjornalismo e a narrativa fotográfica. Por fim, o quarto e último provocou reflexões sobre os desafios e a ética na cobertura ambiental, enfocando os resultados encontrados no monitoramento e análise feita por cada dupla, discorrendo sobre desinformação, ativismo ambiental, neutralidade na informação, cobertura de pautas sensíveis, como conflitos socioambientais e temas indígenas, além da representação da Amazônia e das comunidades locais na mídia global, abordando seus aspectos coloniais e decoloniais em uma discussão crítica da cobertura realizada. Essa discussão foi aprofundada durante a apresentação de seminários sobre o trabalho e análise de cada dupla.

Convém ressaltar que o monitoramento da cobertura foi norteado por um protocolo de análise dividido em três seções: veículo (linguagem, formato, fontes, etc.); questão climática e COP na Amazônia (cobertura em si); redes sociais (abordagens e estratégias). Procuramos padronizar a abordagem, mas respeitando as especificidades de cada categoria.

3. Análise das percepções discentes sobre a cobertura da COP-30



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Após a conclusão da etapa de análise da cobertura jornalística da COP30, aplicamos um novo formulário em sala de aula, com quatro perguntas relacionadas ao exercício, objetivando capturar as percepções dos discentes a partir do olhar crítico.

Ao olharem para o excesso de assuntos envolvendo o evento, os alunos apontaram o risco de se perderem diante de muitas pautas. Eles apontaram que o mais importante era garantir a profundidade de temas complexos com explicação de forma didática e, sobretudo, incluir a escuta ativa de multiplicidade de vozes (indígenas, lideranças e delegações).

Em um segundo momento, instigamos os alunos a refletirem sobre como as potencialidades e lacunas identificadas nas coberturas analisadas impactam sua própria prática profissional. Esse eixo revelou-se fundamental para o refinamento do olhar jornalístico. De modo geral, os discentes identificaram a predominância de narrativas estereotipadas e/ou xenofóbicas, como as relacionadas à crise dos aluguéis em Belém (PA), que foi muito intensificada pela imprensa comercial.

Somado a isso, os alunos notaram que a cobertura foi majoritariamente conduzida por profissionais de fora da região, evidenciando uma lacuna de representatividade regional nas instituições e veículos de comunicação. Percebemos que isso também gerou neles um sentimento de frustração pela falta de valorização e/ou reconhecimento.

“Acredito que nós, amazônidas, carregamos muito conhecimento empírico por vivermos nesse cenário. A maneira como a mídia tradicional⁶ trata a Amazônia como “pulmão do mundo”, “floresta tropical”, dentre outros jargões, torna-se muito superficial, e acredito que, seja proposital, nunca vai ser um conteúdo aprofundado, pois eles

⁶ A mídia mencionada pela aluna é a comercial. Neste relato, adotamos o termo “imprensa comercial” por compreendê-la como parte de conglomerados empresariais com múltiplos interesses econômicos (Belmonte, 2017). Embora o termo “tradicional” seja popularmente difundido, evitamos seu uso por considerarmos que veículos, por exemplo, como o Eco — fundado em 2004 e considerado um dos principais portais independentes do Brasil, especializado em conservação, meio ambiente e jornalismo de dados — também possuem trajetória histórica suficiente para serem classificados como tradicionais.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



“não veem como algo relevante. E, como nortista, vejo um movimento bastante diferente frente a essa mídia tradicional, movimento esse que busca trazer olhares que realmente sejam abordados de forma profunda” (Aluna 1).

No relato, conseguimos observar que a aluna identifica que as narrativas atuais não dão conta da complexidade (histórica, social, ambiental, cultural, econômica e política) da Amazônia. Ela comenta, por exemplo, a atuação dos movimentos sociais e do jornalismo independente que, durante a COP-30, foram determinantes para as discussões das vozes realmente impactadas pela situação climática, saindo da cobertura diplomática.

Nessa mesma linha de raciocínio, provocamos os alunos a pensarem sua atuação a partir da identidade amazônida. Para ilustrar o pensamento coletivo da turma, destacamos uma resposta que sintetiza essa percepção:

“Por estar me formando na Amazônia e por viver próxima de diversas pautas, meu olhar se torna mais sensível e cuidadoso na apuração das informações e na retratação dos territórios e das pessoas. Além disso, me preocuparia em exemplificar conceitos recorrentes nos eventos da COP, como justiça climática e racismo ambiental, utilizando relatos e vivências das pessoas locais. Isso ajudaria a criar uma maior conexão com a realidade dos leitores, mostrando, por exemplo, que as pessoas atingidas por enchentes no Rio Grande do Sul enfrentam situações semelhantes às que vivem aqueles com casas desabadas na Vila da Barca⁷, embora de formas e graus diferentes” (Aluno 2).

Nesse sentido, notamos que, para os alunos, a “boa cobertura jornalística” sobre pautas socioambientais na/da Amazônia é aquela que confere centralidade aos povos indígenas e tradicionais, espaço que não foi visto por eles nas suas análises da cobertura jornalística. Para os estudantes, isso se deve à pouca participação de jornalistas locais na cobertura feita por veículos de fora, evidenciando a não

⁷ A Vila da Barca, uma das maiores favelas sobre palafitas em Belém (PA), tornou-se símbolo de desigualdade e racismo ambiental durante os preparativos para a COP30. Moradores denunciaram a piora na qualidade da água e obras de esgoto que afetaram a comunidade (Assunção, 2025).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



valorização de profissionais que, a princípio, têm maior conhecimento e legitimidade para narrar a região.

Convém destacar que a análise ajudou, ainda, a despertar na turma um olhar mais atento à desinformação, uma estratégia política comum quando o assunto é meio ambiente e clima e que foi identificada por quase todas as equipes. A abordagem foi importante para se observar a estreita relação entre desinformação, polarização política e discursos de ódio — muito forte nos casos em que se constatou xenofobia por parte da imprensa internacional, nacional e até regional.

Em relação às fontes, os discentes reafirmaram a importância da legitimidade, em especial no jornalismo climático e ambiental, que comumente precisa de cientistas e especialistas; e criticaram o discurso colonizador e preconceituoso de certos veículos, sobretudo dos tradicionais de porte nacional e/ou internacional. Ademais, os debates em sala promoveram discussões para além da cobertura jornalística, abordando questões conceituais e epistemológicas sobre modalidades de comunicação e de jornalismo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É no cenário de interesses e lutas que o jornalismo ambiental é uma área que vem se consolidando no país. Em 2025, com a realização de uma Conferência das Partes (COP) na Amazônia brasileira, a pauta socioambiental ganhou força. A experiência com a disciplina reforçou que o estudo do jornalismo ambiental é importante para a construção do olhar sobre o tema e deve ser contínuo e transversal.

A imersão em diferentes setores (imprensa comercial, alternativa, movimentos sociais, institutos de pesquisa e governos) permitiu aos discentes compreender que o jornalismo ambiental é palco de disputas de diversas narrativas. O experimento evidenciou que o jornalismo institucional e o jornalismo de base possuem gramáticas próprias, exigindo do futuro profissional uma sensibilidade ética diferenciada.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Nesse sentido, o experimento revelou que a grande maioria dos discentes tem consciência crítica sobre o papel territorial da Amazônia e compreende que algumas narrativas inferiorizam a região e sua população. Por isso, entendem a importância da formação acadêmica e/ou capacitação que os prepara para serem tradutores da própria realidade, evitando que a Amazônia seja contada de forma distorcida, sobretudo por quem não a habita. A disciplina atuou, portanto, como um espaço de empoderamento técnico, político, social e territorial.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, F. Favela de palafitas recebe esgoto e entulhos de bairro nobre em obra da COP 30. **Alma Preta**, 19 mar. 2025. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/vila-da-barca-recebe-esgoto-e-entulhos-de-bairro-nobre-em-obra-da-cop-30/>. Acesso em: 9 mar. 2026.

BELMONTE, R.V. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, vol. 6, nº 2, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656/3817>. Acesso em: 9 mar. 2026.

BELMONTE, R. V. O. **JORNALISMO AMBIENTAL: três perspectivas em cinco décadas de especialização no Brasil megadiverso**. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/214035/001118487.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 9 mar. 2026.

BUENO, W. C. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S. l.], v. 15, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897>. Acesso em: 20 fev. 2026.

CASTRO, E. Razão decolonial, experiência social e fronteiras epistemológicas. In: CASTRO, E. (org.) **Pensamento crítico latino-americano: reflexões sobre políticas e fronteiras**. São Paulo: Annablume, 2019. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/8012/1/Pensamento-critico-latino-americano.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2026.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



GIRARDI, I. M. T. ; LOOSE, E. B. ; ALMEIDA, J. da S. O jornalismo ambiental na concepção de quem o faz: estudo com jornalistas da América Latina, Caribe, Portugal, Espanha e países africanos de Língua Portuguesa. **Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 48–66, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/5039>. Acesso em: 26 fev. 2026.

SVAMPA, M. **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências**. Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Elefante, 2019.

VIEIRA, A. Verdades inconvenientes: os dilemas dos jornalistas na cobertura dos desafios socioambientais do século XXI. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46º, Minas Gerais-MG, 2023. **Anais [...]**. Minas Gerais, MG. 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0807202320000664d17776a7cca.pdf. Acesso em: 9 mar. 2026.